

Criatividade e Psique

Dimitri Cervo

O processo criativo é um fenômeno onde profundas forças psicológicas atuam. Frequentemente o processo criativo é relacionado com distúrbios psíquicos, traumas, neuroses e compensações de inferioridades. Muitas discussões tem sido realizadas em torno deste tema, e para efeito de síntese passaremos a denominar genericamente estes tipos de abordagens do processo criativo de “negativistas.” Discutiremos agora o assunto, introduzindo idéias de diversos autores que defendem e discordam das abordagens negativistas da criatividade.

Iniciaremos nossa exposição com uma frase de Fernando Pessoa que bem resume estas concepções que julgam ser o processo criativo oriundo de distúrbios psicológicos ou aspectos anormais da psique. Diz Pessoa que “o gênio, o crime e a loucura provêm por igual de uma anormalidade, que representam de diferentes maneiras uma inadaptabilidade ao meio.”¹

Nesta mesma linha de pensamento está a visão do psiquiatra Alfred Adler. Rollo May cita que

“Alfred Adler, que eu conhecia e, de quem fora aluno num curso de verão, convidou-me à sua casa para uma palestra. Adler referiu-se a sua Teoria Compensadora da Criatividade - os homens produzem a arte a ciência e os outros aspectos da cultura para compensar as suas imperfeições.”²

Farnsworth se pronuncia sobre o assunto colocando que embora muitos teóricos do passado tenham considerado a loucura como base de toda criatividade, hoje em dia cada vez mais esta noção vem perdendo crédito. Benefícios como saúde, longevidade, vitalidade e autorealização, estão cada vez mais sendo considerados como estritamente relacionados com a atividade criativa.³

Rollo May, por sua vez, faz uma ampla crítica às abordagens psicanalíticas correntes do processo criativo e encontra nelas duas falhas básicas: a primeira é tentar explicar a criatividade através de conceitos redutivos que consideram a criatividade uma decorrência de outro processo qualquer; a segunda que considera a criatividade como uma expressão de padrões neuróticos ou traumáticos (Freud). O equívoco destas abordagens, segundo May, está no fato de não tratarem da criatividade propriamente dita. Embora tendências compensadoras e substitutivas

¹ Martin Claret, ed., *O Pensamento Vivo de Fernando Pessoa* (São Paulo: Martin Claret Editora:1989), p. 91.

² Rollo May, *A Coragem de Criar*, Aulyde Rodrigues trad., 5 ed. (Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1982), p. 36.

³ Paul Farnworth, *The Social Psychology of Music*, 2ed. (Iowa: Iowa State University Press, 1971) p. 179.

possam influenciar o indivíduo e a forma de sua criação, elas não explicam o processo criativo.⁴ Estas abordagens proporcionam visões pouco abrangentes do fenômeno criativo.

Vamos agora a uma frase de um “outro” Fernando Pessoa. Diz ele que “a frase de Goethe, bastas vezes citadas sobre o assunto é de mestre; com efeito um homem de gênio só pertence a sua época pelos seus defeitos.”⁵ Interpretamos esta colocação com sentido contrário à frase deste mesmo autor apresentada anteriormente. Aqui os defeitos (ou negatividades) não são considerados parâmetros relevantes para diferenciar o indivíduo criativo. Pelo contrário, segundo estes dois grandes poetas, estas negatividades apenas enquadram o criador no *status quo* sem justificar seu processo criativo que é oriundo, como diz Fernando Pessoa, “de uma vida mental que é uma coisa à parte”.⁶

A visão de Carl Jung também enfatiza este ponto de vista. Jung coloca que, se por um lado o artista é uma personalidade humana, por outro lado ele é um processo criador impessoal. Jung considera que enquanto homem, ele pode ser saudável ou doentio, sua psicologia pode e deve ser explicada de uma maneira pessoal, mas enquanto artista, ele não poderá ser compreendido a não ser a partir de seu ato criador.⁷

Neste momento introduzimos a idéia de May sobre a diferença crucial entre processo criativo e escapismo. Segundo May a criatividade genuína é resultado de um encontro e a principal característica do escapismo é a falta deste encontro. Ele considera esta ausência de encontro uma pseudocriatividade onde não existe um engajamento psicológico verdadeiro do indivíduo em relação à criação. Assim May sugere que não devemos confundir extravasões descontroladas e catarses com processo criativo, mesmo quando estas se expressam através de materiais potencialmente artísticos como sons ou cores.⁸ Portanto manifestações como o dadaísmo, os *happenings*, a arte exibicionista, e outras manifestações afins, podem ser consideradas nitidamente escapistas.

A criatividade, portanto, é resultado de um encontro, e cada artista possui sua forma particular de manifestá-lo, seja um índio no meio de uma selva compondo uma canção de *peyote* ou qualquer outro criador à sua própria maneira. Mas este encontro possui uma qualidade básica que absorve e direciona o criador, através de uma grande capacidade de realização e um alto nível de consciência (supraracional pois conjuga o desempenho das funções instintivas, emocionais, intelectuais e espirituais), a consumir o seu objetivo artístico de uma maneira inequívoca. Certamente existem vários tipos, intensidades e níveis de encontro,

⁴ Rollo May, *A Coragem de Criar*, pp. 36-7.

⁵ Martin Claret ed., *O Pensamento Vivo de Fernando Pessoa*, p. 86.

⁶ *Ibid*, p.92.

⁷ Cf. Evelina Hoisel, “O Processo Criador: Algumas Reflexões”, *ART 019* (agosto 1992):83.

⁸ Rollo May, *A Coragem de Criar*, pp. 39-40.

alguns podem desenrolar-se durante anos e outros podem ser instantâneos, podem ser mais ou menos brilhantes, e “entre o pequeno ato inovador e a grande invenção de ‘gênio’ não parece haver diferença de padrão.”⁹

Vejam como Pessoa metaforiza o encontro, apesar de nesta citação ainda estar relacionando a capacidade criativa com insanidade.

“O gênio é a insanidade tornada sã pela diluição no abstrato, como um veneno convertido em remédio mediante mistura. Seu produto próprio é a novidade abstrata - isto é, uma novidade que no fundo, se conforma com as leis gerais da inteligência humana e não com as leis particulares da doença mental”.¹⁰

Contrariando parcialmente esta colocação de F. Pessoa, não julgamos pertinente afirmar que a criatividade seja oriunda dos aspectos insanos ou negativos da psique. Se considerarmos o enunciado de que “o semelhante gera o semelhante”, que é também o princípio universal da ressonância expresso em outras palavras, consideramos que não seria apropriado considerar que obras de arte comumente adjetivadas de perfeitas, transcendentais, divinas, magníficas, sublimes, geniais, e termos similares, sejam oriundas dos aspectos psíquicos menos felizes e mal resolvidos de seus criadores. Do mesmo modo não podemos esperar que uma formiga dê a luz a um elefante, pelo fato de serem de naturezas totalmente distintas.

Se é verdade que encontramos uma série de grandes artistas com visíveis perturbações psicológicas, devemos também admitir que certamente existe um número muito superior de indivíduos loucos ou neuróticos que não são artistas ou indivíduos criativos. Portanto considerar a criatividade como oriunda das qualidades negativas da psique é um equívoco, pois todos os indivíduos possuem, em maior ou menor grau, complicações psicológicas e este fato não é diferenciador para indicar a capacidade criativa.

A conclusão a que chegamos é que o processo criativo genuíno (de caráter não escapista) não é e nem poderia ser oriundo das negatividades alojadas na psique do criador, **mas sim que o processo criativo**, que possui uma natureza e dinâmica própria, **se manifesta apesar delas**.

⁹ Manuel Veiga, “Transmissão e Geração do Conhecimento Musical”, *ART 018* (agosto 1991):78.

¹⁰ Martin Claret ed., *O Pensamento Vivo de Fernando Pessoa*, p. 91.

BIBLIOGRAFIA

- Claret, Martin, ed. *O Pensamento Vivo de Fernando Pessoa*. São Paulo: Martin Claret Editora, 1989.
- Farnsworth, Paul. *The Social Psychology of Music*. 2 ed. Iowa: Iowa State University Press, 1971.
- Hargreaves, David. *The Developmental of Music*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- Hoisel, Evelina. “O Processo Criador: Algumas Reflexões”. *ART 019* (agosto 1992):79-85.
- May, Rollo. *A Coragem de Criar*. Aulyde Rodrigues trad., 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- Sloboda, John. *The Musical Mind*. New York: Oxford University Press, 1985.
- Veiga Manoel. “Transmissão e Geração do Conhecimento Musical”. *ART 018* (agosto 1991):73-82.